

O Progresso Catholico

... sequor autem, si quo modo
comprehendam ...

AD PHILIP. 3, 12.

RELIGIÃO E SCIENCIA
LITTERATURA E ARTES

... ad ea quae sunt priora extendens meipsum
ad destinatum persequor, ad bravium
triumphi Ecclesiae... in Christo Jesu.

AD PHILIP. 13, 14.

SUMMARIO: Approvação e Benção do Em.^{mo} Sr. Cardeal Bispo do Porto. — *O Progresso Catholico*, pela redacção. — SECÇÃO SCIENTIFICA: Carta Encyclica do Nosso Santo Padre Leão XIII aos Bispos dos Estados Unidos da America. — SECÇÃO HISTORICA: *Galeria de homens notaveis da Companhia de Jesus*, pelo rev.^{mo} Padre João Vieira Neves Castro da Cruz. — SECÇÃO LITTERARIA: *Materialistas* (fragmento), pela ex.^{ma} sr.^a D. Philomena Serpa; *Virgem da Luz*, pela mesma ex.^{ma} sr.^a; *Deus e Patria*, pelo ex.^{mo} sr. Antonio Moreira Bello; *A Visão beatifica*, conto religioso (traducção). — SECÇÃO ILLUSTRADA, pela redacção. — SECÇÃO NECROLOGICA, pela redacção. — RETROSPECTO, pela redacção. — SECÇÃO ADMINISTRATIVA.

GRAVURAS: *A degolação dos innocentes; Jesus entre os doutores da lei.*



A DEGOLAÇÃO DOS INNOCENTES

O PROGRESSO CATHOLICO



NTRA agora no decimo setimo anno do PROGRESSO CATHOLICO.

Posto que este jornal haja passado a outras mãos, o programma é o mesmo, e, com o auxilio de Deus, a nova empreza espera não deslizar um apice do caminho seguido pelas que a precederam. O seu lemma será: — DEUS E PATRIA.

Somos e queremos continuar a ser catholicos como a Igreja de Deus manda, catholicos como o Papa quer que sejamos: catholicos na vida particular, catholicos na vida publica, sem respeitos humanos, confessando e publicando o nosso credo com a coragem propria de christãos, louvando o que fôr digno de louvor, e vituperando o que fôr digno de vituperio.

Questões pessoas e irritantes não terão cabimento nas nossas columnas. A nossa divisa n'este particular será: — Guerra aos principios e paz aos homens.

Propondo-nos seguir este caminho, obedecemos a Sua Santidade Leão XIII, que, na sua carta Encyclica aos Bispos portuguezes de 14 de setembro de 1886, disse: «Cumpré que (os escriptores catholicos) nos seus escriptos sejam muito moderados, prudentes e caridosos, porque a caridade é mãe e companheira de todas as virtudes. Vós vedes quanto é opposta á caridade fraterna a leveza na suspeita, a temeridade em incriminar.»

Seremos, pois, moderados, prudentes e caridosos, o que não quer dizer que não sejamos energicos e tenazes em profligar o erro onde quer que o encontremos, sem nos preocuparmos se elle parte d'amigos, se d'inimigos, porque — *amicus Plato, sed magis amica veritas.*

Promettemos tambem ter toda a reverencia e acatamento para com a auctoridade ecclesiastica,

especialmente para com os Prelados postos por Deus para a regencia dos povos, cumprindo assim um dever trivial, muito recommendado por Sua Santidade nas suas Encyclicas, e ainda ultimamente em carta dirigida aos Bispos portuguezes, em data de 7 de fevereiro do corrente anno, na qual diz que «é preciso sempre que todos obedeçam aos Bispos e sigam religiosamente a sua direcção», accrescentando: «E isto deve ser sagrado principalmente para os redactores de jornaes, para que nunca jámais ousem chamar ao seu proprio julgamento ou reprehender os intentos ou os actos dos Bispos, a fim de não acontecer que a força do poder seja desbaratada pela discordia, mas antes, dando de mão a todo o empenho pelos interesses particulares, trabalhem a favor da Igreja e da patria.»

O nosso fim será contribuir, na medida de nossas escassas forças, para o restabelecimento do reinado social de Nosso Senhor Jesus Christo entre nós.

Portugal foi grande emquanto a gloriosa Imagem das Cinco Chagas de Christo estava não só impressa nas suas bandeiras, mas no coração dos portuguezes; e começou a decair até chegar ao lamentavel estado em que hoje se encontra desde que no coração de muitos de seus filhos principiou a penetrar o gelo da indifferença religiosa e que o orgulho humano quiz tentar supprimir Deus.

Com fé viva, com Jesus Christo no coração, Portugal estendeu os limites do seu imperio até á Africa, Asia e Oceania, e se mais mundos houvera, mais conquistára.

Com o amortecimento da fé só tem conquistado vilpendios, escaerneos e vergonhas.

Que lhe resta hoje da sua pristina gloria? Apenas a recordação!

E' para insuflar no coração dos portuguezes o amor pela Religião e por Jesus Christo que nós faremos tender todos os nossos esforços.

Queremos que Portugal se torne digno do glorioso titulo de FIDELISSIMO, com que a Santa Sé o agraciou; queremos que Christo Senhor Nosso viva e reine no coração dos portuguezes; queremos a Igreja livre de todas as peias; queremos a harmonia entre a Igreja e o Estado, mas não queremos que o Estado domine a Igreja, porque a Igreja é mestra e directora por missão divina; não queremos beneplacitos regios para os documentos emanados do Santo Padre aos Bispos, porque o Estado não tem missão, nem auctoridade, nem competencia para julgar documentos provindos do Mestre Infallivel da verdade; queremos abolida a interferencia do Estado no provimento ecclesiastico das parochias para se pôr termo ao escandaloso abuso de ser dada a parochialidade das freguezias a quem mais peze na balança politica, que não a quem tenha meritos e virtudes para o bom desempenho do munus parochial: queremos que o ensino, tanto nas escolas primarias, como nas superiores, seja christão e sob a immediata inspecção dos Bispos; queremos, emfim, o restabelecimento das ordens religiosas, abolidas por simples decreto dictatorial, abolição que, na opinião de Sua Santidade Leão XIII, manifestada aos Bispos portuguezes na Encyclica, já citada, de 14 de novembro de 1886, foi de terribes consequencias para a Igreja e para o Estado, porque este se viu «privado de auxiliares prudentes e corajosos, cuja obra não podia ser de diminuta valia para melhorar os costumes dos povos, instruir a mocidade e educar os povos das colonias nos principios do christianismo, e muito principalmente hoje que se apresenta tão vasto campo para as expedições religiosas na Africa.»

E', pois, unica e exclusivamente para propugnarmos pela reivindicção de todos os direitos da Igreja que vimos á arena da imprensa.

De nossas proprias forças nada esperamos, porque temos a consciencia de que nada valem; mas o bom Deus, que nos tem amparado nos nossos trabalhos, e que, a par de muitos dissabores, nos ha dado consolações sem conto, não nos faltará d'esta vez com as suas luzes e auxilios, porque sabe que as nossas intenções outras não são que procurar a sua maior honra e gloria.

Ao Divino Coração de Jesus, manancial exuberantissimo de todas as graças, consagramos, pois, os nossos humildes trabalhos, esperando que Elle nos proteja, guie e ampare.

SECÇÃO SCIENTIFICA



CARTA ENCYCLICA (1)

DO

SANTO PADRE LEÃO XIII

Aos Bispos
dos Estados Unidos
da America

Aos veneraveis Irmãos, Arcebispos e Bispos dos Estados Unidos da America Septentrional.

LEÃO XIII, PAPA

Atravessamos com o coração e o pensamento as longinquas carreiras do oceano: e apesar de vos termos já em outras circumstancias fallado por escripto, principalmente todas as vezes que por Nossa auctoridade enviamos Cartas encyclicas aos Bispos do orbe catholico. E emprehendemos isto com o maior empenho e cuidado, porque apre-

ciamos muitissimo e amamos grandemente a nação americana, vigorosa por juventude, na qual com o espirito vém os latentes incrementos, não só do estado civil, mas tambem do christianismo.

Quando, não ha longo tempo, toda a vossa nação celebrava com grata memoria e com toda a especie de manifestações, conforme merecia, o fim do quarto seculo da descoberta da America, Nós tambem commemoramos convosco aquelle successo faustosissimo, participando da vossa alegria e conformando-Nos com a vossa intenção. E n'aquella occasião não julgamos bastante ter feito de longe votos para a vossa felicidade e grandeza; era Nosso desejo acharmo-Nos de algum modo presente aos vossos regosijos; por isso de boa vontade enviamos a vós quem representasse a Nossa pessoa.

E o que fizemos n'aquella vossa solemnidade não o fizemos sem razão: pois a mãe Igreja acolheu no seu gremio, e abraçou o povo americano apenas nascido, e quasi ainda soltando vagidos no berço. Porque, como demonstramos outra vez de proposito, o fructo que Colombo procurou principalmente das suas navegações e fadigas, foi abrir por novas terras e por novos mares o caminho ao nome christão: na qual ideia constantemente firme, logo que chegava a uma região qualquer, nada tomava mais a peito, do que plantar na praia o sagrado symbolo da Cruz. Por isso, como a arca noetica, nadando por cima das exuberantes vagas, transportava o germen dos israelitas com as reliquias do genero humano, assim os navios colombinos, lançados ao oceano, levaram para as regiões ultramarinas o principio dos grandes Estados e os primordios do povo catholico.

Não é este o logar de referir por miudo o que depois se seguiu. O que é certo é que a luz do Evangelho resplandeceu em brevissimo tempo entre os gentios, então ainda incultos, descobertos pelo Genovez. Pois é bastante sabido quantos da familia Franciscana, como da Dominicana e da Loioléa, por dois seculos successivos costumaram navegar para aquellas paragens, com o fim de civilisar as colonias levadas da Europa, mas primeiramente e sobretudo tirar os indigenas da superstição para o culto christão, consacrando mais de uma vez os seus trabalhos com o testemunho de sangue. Os mesmos nomes novos, dados a muitas vossas villas, e rios, e montes, e lagos, mostram e attestam clarissimamente que a vossa origem foi profundamente marcada pelos vestigios da Igreja catholica. E o que aqui recordamos não aconteceu por ventura sem algum fim da Provi-

dencia divina. Quando as colonias americanas, tendo, com o auxilio de homens catholicos, alcançado a liberdade e o principado, constituíram-se em republica legalmente fundada, então a hierarchia ecclesiastica foi canonicamente estabelecida entre vós; e ao mesmo tempo, em que o suffragio popular levantou ao governo da republica ao grande Washington, foi pela Auctoridade Apostolica dado á Igreja americana o seu primeiro Bispo. E a amizade e a intima familiaridade que consta ter havido entre os dois parece uma prova que aquelles Estados Unidos haviam de estar pela sua concordia e amizade pegados á Igreja catholica. E isto certamente não sem uma causa. Porque uma republica não póde subsistir, senão pelos bons costumes, como com perspicuidade entendeu e declarou aquelle vosso principal cidadão, que pouco antes nomeamos, no qual se encontrou tamanha força de espirito e de prudencia civil. Mas, é a religião que principalmente e melhor conserva os bons costumes, sendo ella que por sua propria natureza guarda e protege todos os principios, d'onde derivam os deveres, e, pondo ante os olhos os mais poderosos motivos de acção, ordena viver virtuosamente, e véda peccar. Pois, que outra coisa é a Igreja, senão uma sociedade legitima, instituida por vontade e ordem de Jesus Christo, para conservar a santidade dos costumes e defender a religião? Pelo que, conforme varias vezes procuramos persuadir d'esta cadeira pontificia, a Igreja, com quanto por si e por sua natureza tenha em vista a salvação das almas, e a felicidade que ha de se alcançar no céu, todavia na mesma especie das coisas mortaes produz tantas e tão grandes vantagens, que mais e maiores não poderia, se principal e especialmente fosse instituida para proteger a prosperidade d'esta vida que se passa na terra.

Não ha ninguem que não tenha visto a vossa republica progredir e chegar com passo veloz a uma condição cada vez melhor; e isto mesmo nas coisas que tem respeito á religião. Pois, como os Estados cresceram, no periodo de um só seculo, pelo augmento das suas commodidades e do poder, assim vém a Igreja, de pequenissima e humilissima, tornar-se mui depressa grande, e de um modo singular florecente. Na verdade, se por um lado as crescidas riquezas e o poderio dos Estados com razão se attribuem ao talento e ao laborioso cuidado do povo americano, por outro a condição florecente do catholicismo antes de tudo ha de se attribuir á virtude, solercia e prudencia dos Bispos e do Clero, e depois á fé e munificencia dos catholicos. Assim, com a cooperação esforçada de todas as clas-

(1) Tradução especial e auctorizada, feita sobre o texto original.

ses foi-vos possível fazer obras pias e uteis sem numero: templos, aulas para a instrucção dos meninos, casas de ensino superior, hospícios para agasalho do povo, hospitaes, conventos. E por o que mais de perto respeita á cultura espirital, que consiste no exercicio das virtudes christãs, muitas coisas Nos são notas, que alentam a Nossa esperança e Nos encham de gozo: isto é que o numero dos Clerigos assim seculares como regulares vae gradualmente augmentando; que as pias Confrarias são acatadas; que as eschololas *curiaes catholicas*, as eschololas *dominicaes* para o ensinamento da doutrina christã, as eschololas *estivaes*, as sociedades de mutuo soccorro, de assistencia aos pobres e de economia, prosperam; o que a tudo isto se ajuntam muitos outros testemunhos da piedade popular.

Para tal prosperidade não ha duvida que muitissimo serviram os mandamentos e decretos dos vossos Synodos, d'aquelles em especie que nos ultimos tempos foram convocados e sancionados pela auctoridade da Sé Apostolica. Mas, além d'isto, agrada pois dizer o que é, deve-se agradecer á equidade das leis por que a America é governada, e aos costumes da bem constituida republica. Porque, entre vós, não oppondo-se a constituição do Estado, foi á Igreja, livre de todo o entrave legal, e defendida contra a violencia pelo direito commum e pela justiça dos juizos, concedida a faculdade de viver e obrar sem embaraços. Mas, bem que tudo isto seja verdade, é preciso apartar um equivoço, para que ninguem julgue derivar d'aqui a consequencia que da America se deva tomar o exemplo da melhor condição da Igreja, ou que geralmente seja licito ou conveniente que os interesses civis e religiosos sejam divididos e separados á maneira americana. Por quanto se a acção catholica se acha entre vós livre de perigos, e até em prospero augmento, deve-se isto por certo attribuir á fecundidade que, por dom de Deus, possui a Igreja, a qual, se ninguem a contraria, se nada se lhe oppõe, engrandece e espalha-se espontaneamente; capaz de produzir fructos muito mais abundantes, se, além da liberdade, por mercê das leis, gozar a protecção dos publicos poderes.

E Nós, segundo que pelas circunstancias foi possível, nunca deixamos de conservar e firmar mais profundamente a religião catholica na vossa nação. — Por este fim, como bem sabeis, duas coisas sobretudoprehendemos: a primeira promover os estudos das sciencias; a outra tornar mais completa a administração do patrimonio catholico. Apezar de existirem já varias Universidades, e mesmo celebres, julgamos todavia pôr obra para que hou-

vesse uma, pelo menos, fundada por auctoridade da Sé Apostolica, e essa com todo o legitimo direito auxiliada por Nós; na qual professores catholicos ensinassem aos amantes do saber, no principio as disciplinas philosophicas e theologicas, e depois, consentindo o as circumstancias e os tempos, tambem as outras, em especie aquellas que o nosso seculo inventou, ou aperfeiçoou. Pois, qualquer erudição é imperfeita, se fôr totalmente ignorante das mais recentes disciplinas. E' indubitavel que n'este progresso tão veloz dos engenhos, n'este tamanho desejo de saber tão largamente diffuso, e por si louvavel e honesto, convém que os catholicos precedam e não fiquem atraz; por isso é mister que se provejam de todos os adornos da sciencia, e exercitem com ardor o espirito no exame da verdade e na investigação, por quanto é possível, de todos os secretos da natureza. E isso mesmo quiz em todo o tempo a Igreja: pelo que, costumou empregar toda a actividade e todos os esforços que poude em mostrar os fins das sciencias. Portanto, Veneraveis Irmãos, mediante a Epistola que vos dirigimos aos 7 de março do anno de 1889, para a mocidade desejosa de aprender as mais nobres disciplinas, fundamos uma Universidade em Washington, cidade capital, que vós mesmos em grandissimo numero declarastes ser séde opportunissima para os estudos superiores. E sobre este assumpto conferenciando com os Nossos Veneraveis Irmãos Cardeaes da Santa Romana Igreja no Consistorio (1), manifestamos ser Nossa vontade que n'aquella eschola se houvesse como lei, que a erudição e a doutrina fossem juntas com a incolumidade da fé, e que os mancebos recebessem alli uma instrucção não menos religiosa, que scientifica. Por este motivo ordenamos que á boa direcção dos estudos e á disciplina dos alumnos presidissem os Bispos dos Estados Unidos, conferindo ao Arcebispo Chancelheiro, como lhe chamam, de Baltimore, o poder e o officio. — E os exordios, na verdade, foram bastante felizes, pela bondade de Deus. Pois, sem nenhum intervallo de tempo, em quanto vós celebraveis a solemnidade secular em memoria da hierarchia ecclesiastica, estando presente o Nosso Legado, foi encetado com faustos auspicios o ensino das sciencias sagradas. E desde então sabemos que respeitaveis varões, cujo talento e doutrina ajuntam-se a uma fé singular e a um grande acatamento para com a Sé Apostolica, dedicam-se a ensinar theologia. — E não

ha muito tempo que fomos informado terem sido construidas desde os alicerces, pela liberalidade de um piedoso Sacerdote, aulas de instrucção litteraria e scientifica, a proveito dos jovens, tanto clerigos como leigos. Temos firme esperanza de que o exemplo d'aquelle varão será imitado por outros vossos concidadãos; pois bem conhecemos a indole dos americanos, os quaes não podem ignorar que toda a liberalidade, empregada por aquelle fim, será recompensada com as immensas vantagens que tirará d'ella a inteira sociedade.

Não ha quem não saiba qual copia de doutrina e de erudição derivouse por toda a Europa d'aquellas academias, que em epochas differentes, fundou primeira, ou já fundadas, approvou e aperfeiçoou com seus regulamentos a Igreja romana. E hoje, sem fallar d'outras, basta mencionar a de Louvain, da qual toda a Belgica tira fructos quasi quotidianos de prosperidade e de gloria. Com certeza similhante copia de vantagens hade facilmente derivar da grande Universidade de Washington, se assim os mestres, como os discipulos, do que não temos a menor duvida, obedecerem ás Nossas prescripções, e, evitando as paixões e as lutas dos partidos, grangearem a estina do povo e do Clero.

E aqui queremos recommendar, Veneraveis Irmãos, á vossa caridade e á liberalidade popular o Collegio Urbano, onde se educam para o Sacerdocio mancebos da America septentrional, fundado pelo Nosso predecessor Pio IX, e que Nós, por Nossa Carta de 25 de outubro de 1884, procuramos consolidar com normas estatutos: sobre tudo porque os seus resultados corresponderam ás esperanças communs. Vós proprios sois testemunhas de que, em um breve periodo de tempo, saíram d'alli muitos bons Sacerdotes, e entre estes alguns que, pela sua virtude e doutrina mereceram subir ás mais altas dignidades da Igreja. Julgamos, portanto, que sereis bem recompensados, se continuardes a enviar para cá mancebos escolhidos, que aqui serão educados a proveito da Igreja, pois as riquezas intellectuaes e as virtudes moraes que tiverem adquirido em Roma, elles um dia espalhar-as-hão na sua patria, e empregal-as-hão em beneficio commum.

Assim, desde o principio do Nosso Pontificado, movido pelo affecto que temos para os catholicos da vossa nação, começamos a cuidar no terceiro Concilio de Baltimore. E quando mais tarde os Arcebispos por Nós convidados d'ahi vieram a Roma, indagamos diligentemente quaes providencias julgassem tomar no concilio: emfim, de-

(1) No dia 30 de Dezembro de 1889.

pois de maduro exame, mandamos pela Nossa auctoridade que fosse ratificado quanto a todos reunidos em Baltimore pareceu justo ordenar. E bem depressa viu-se o fructo da sua obra. Porque o proprio facto provou e prova que os decretos Baltimoreenses eram salutaes e muito bem accommodados ás circumstancias dos tempos. E é já bastante conhecida a sua efficacia para consolidar a disciplina, animar a solercia e vigilancia do Clero, assegurar e propagar a educação catholica da mocidade. — E se em tudo isto, Veneraveis Irmãos, reconhecemos a vossa actividade, se louvamos a vossa constancia junta com a prudencia, é porque o mereceis: pois comprehendemos perfeitamente que taes copiosos beneficios nunca teriam chegado tão depressa e tão facilmente á maturidade, se vós mesmos não tivésseis diligenciado, por quanto estava ao alcance de cada um, que fosse posto em pratica cuidadosa e fielmente o que tinheis decidido em Baltimore.

Mas, depois de acabado o concilio de Baltimore, precisava pôr á sua obra o proprio e conveniente remate; a qual coisa entendemos não se poder alcançar melhor, que instituindo a Santa Sé uma legação americana: portanto, como sabeis, foi esta por Nós legitimamente instituida. E por tal facto, segundo mostramos em outra circumstancia, primeiramente quizemos testemunhar que, na Nossa opinião e bemquerença, o americano tem o mesmo logar e direito que os outros Estados, em especie os grandes e poderosos. Depois tivemos tambem em vista estreitar sempre mais os laços dos deveres e da amizade, que vos teem e a tantos milhares de catholicos unidos com a Santa Sé Apostolica. Na verdade, um grande numero de catholicos entenderam termos Nós feito uma obra salutar para elles, e conforme os usos e a regra da Sé Apostolica. Sem duvida, os Romanos Pontifices, por isso que occupam o primeiro logar na administração da Igreja por graça de Deus, desde a mais remota antiguidade, costumavam enviar os seus legados ás longinquas nações e povos christãos. E isto não por pedido estranho, mas por seu direito natural, porque «o Romano Pontifice, «a quem Christo outorgou o poder ordinario e immediato, quer sobre todas e cada Igreja, quer sobre todos e cada Pastor e fiel (1), não podendo pessoalmente visitar todos os paizes nem exercer a direcção da grei confiada nos seus cuidados pastoraes, precisa ás vezes mandar, por dever de «servidão, para as diversas partes do

«mundo seus legados que, fazendo as «suas vezes, conforme for necessario, «emendem os erros, aplanem difficuldades e dispensem os fructos de saude aos povos, de cuja direcção foram incumbidos» (1).

Falsissima absolutamente seria e injustissima, se em alguma parte existisse, a suspeita que o poder conferido ao Legado prejudica o poder dos Bispos. Sanctos são para Nós, mais que para outro qualquer, os direitos d'aquelles, que o *Espirito Santo instituiu bispos para governarem a Igreja de Deus*, e queremos, e devemos querer que permanecam inviolaveis entre todos os povos e em qualquer paiz da terra: principalmente porque a dignidade de cada Bispo é inseparavel por sua natureza da dignidade do Romano Pontifice de modo, que quem defende uma deve necessariamente favorecer a outra. *A minha honra é a honra da Igreja universal. A minha honra é a verdadeira força dos meus irmãos. Então na realidade eu sou acatado, quando a cada um d'elles não se recusa o devido acatamento.* (2). Pela qual coisa, como o papel e o encargo do Legado apostolico, seja qual fôr o poder conterido-lhe, consista em executar as ordens, e interpretar a vontade do Pontifice que o envia, tanto falta que cause o mais pequeno detrimento ao poder dos Bispos, que antes o consolida e fortalece. Porque a sua auctoridade concorrerá não pouco para conservar a obediencia no povo; no Clero a disciplina e o respeito devido aos Bispos; nos Bispos a caridade reciproca com a intima união dos espiritos. E como esta tão salutar e desejavel união assente sobre tudo em pensar e obrar concordemente, fará de sorte, que cada um de vós continue a occupar-se com todo o esmero na administração da sua diocese; que ninguém impeça a outro na sua governação; que ninguém inquiria sobre os designios e acções alheias; e que evitando as dissensões, e guardando o respeito reciproco, vos empregueis com esforços unanimes em promover o decoro e o bem commum da Igreja americana. Da qual concordia entre os Bispos apenas se pôde dizer não só o immenso proveito que resultará para os nossos, mas tambem a força d'exemplo para todos os outros, que facilmente comprehendem, por este mesmo indicio, que o divino apostolado passou verdadeiramente como herança na ordem dos Bispos catholicos. — Outra coisa tambem ha de se attentamente advertir. As pessoas sabias unanimemente conveem,

como Nós proprio pouco antes apontamos, e com muito prazer, que a America parece destinada para coisas mais avultadas. Queremos, pois, que a Igreja catholica concorra para esta prevista grandeza, e a auxilio. Na verdade, julgamos justo e conveniente que ella se encaminhe com rapido passo, juntamente com a republica, para o progresso, aproveitando os ensejos que as circumstancias offerecerem; e ao mesmo tempo, pela sua virtude e pelas suas leis, cuide, por quanto lhe fôr possível, em ajudar a prosperidade dos estados. Mas ella alcançará ambos estes fins tanto mais facil e copiosamente, quanto os tempos futuros a encontrarem melhor constituida. E, com effeito, que significa a legação, em que fallamos, e qual é o seu fim, senão cuidar em que a constituição da Igreja se torne cada vez mais firme, e a disciplina mais reforçada?

Sendo assim, muito desejaríamos que dos animos dos catholicos sempre mais profundamente se arraigasse esta verdade, que não podem prover melhor ao seu bem particular, nem melhor contribuir para o bem commum, que estando submissos e obedecendo á Igreja de todo o coração.

Bem que n'este ponto quasi que não precisam de exhortação, pois sabem espontaneamente e com louvavel constancia accommodar-se com as praticas catholicas. E aqui Nos apraz lembrar uma só coisa, da maxima importancia e proveito sob todos os respetos, que pela nossa fé e costumes é entre vós, como é justo, em geral, religiosamente acatada: fallamos do dogma christão da unidade e perpetuidade do matrimonio, no qual não sómente a familia, senão tambem a civil sociedade encontra a maior garantia da sua segurança. Dos vossos concidadãos, d'aquelles até que em todo o mais dissentem de nós, não poucos admiram e approvam n'esta parte a doutrina catholica e a pratica dos catholicos, porque, sem duvida, ficam assombrados por verem as desordens dos divoreios. E julgando assim, são levados não menos pelo amor da patria, que pela sua prudencia. Pois é difficil imaginar peste mais perniciosa a um Estado, do que pretender que se possa dirimir um vinculo por lei divina perpetuo e indissolavel. «Por causa (dos divoreios) as alianças conjugaes tornam-se instaveis; enfraquece-se a tua benevolencia; dão-se motivos funestinos á infidelidade; prejudica-se a tutela e educação dos filhos; offerece-se occasião para desfazer as sociedades domesticas; espalham-se germes de discordia nas familias; diminuem-se e envilecem-se a dignidade das mulheres que, depois de terem servido á luxuria dos homens, correm o

(1) Cap. un. Extravag. Comm. De Consuet. l. 1.

(2) S. Gregorius, Ep. ad. Eulog. Alex. lib. VIII. p. 30.

(1) Conc. Vat. Sess. IV, c. 3.

«perigo de serem tidas por abandonadas. E pois que para perder as familias e quebrantar o poder dos reinos nada é mais proprio, do que a corrupção dos costumes, percebe-se facilmente que os divorcios são os maiores inimigos das familias e dos estados» (1).

Com respeito ao civil, é sabido por todos e reconhecido quanto n'um Estado especialmente democratico qual é o vosso, importa que os cidadãos sejam probos e de bons costumes. N'um paiz livre, se a justiça não fôr communmente respeitada, se a miudo e cuidadosamente o povo não fôr estimulado a cumprir os preceitos da lei evangelica, a propria liberdade póde ser perniciosa. Todos, pois, os Clerigos, que se occupam na instrucção popular, tratem expressamente este assumpto dos deveres dos cidadãos, para que todos fiquem persuadidos e comprehendam intimamente ser necessario que a fidelidade, a moderação dos appetites e o desinteresse sobresaíam em todos os officios da vida civil; pois o que não é permitido nas coisas particulares é illicito tambem nas publicas. Acerca de tudo isto, nas cartas encyclicas, que de quando em quando promulgamos, durante o Nosso supremo Pontificado, muitas coisas se propõem, como sabéis, que devem ser seguidas e executadas pelos catholicos. Por escripto e com a palavra tratamos da liberdade humana, dos principaes deveres dos christãos, do principado civil, da christã constituição dos estados, tirando os principios ora da doutrina evangelica ora da razão. Portanto, os que querem ser bons cidadãos e proceder fielmente nos seus officios, facilmente acharão nas Nossas epistolas a regra da virtude.—Egualmente os Sacerdotes não se cancem em lembrar ao povo as determinações do Concilio de Baltimore III, aquellas particularmente que se referem á virtude da temperança, á educação catholica da mocidade, ao uso frequente dos Sacramentos, á observancia das justas leis e regulamentos da republica.

Tambem, antes de entrar nas associações deve-se empregar todo o cuidado para não cabir em engano. E queremos que isto se entenda nomeadamente dos operarios, os quaes com certeza teem o direito de se juntarem em corporações afim de prover aos seus interesses, direito permitido pela Igreja e não reprovado pela natureza; mas importa immensamente que vejam com quem se associam, para que, em quanto procuram melhorar a sua condição, não sejam expostos ao perigo

de perder bens muito maiores. A maior garantia contra este perigo será para elles, se tomarem a firme resolução de, em nenhum tempo e em coisa nenhuma postergar a justiça. Se, pois, houver uma sociedade governada por homens faltos de rectidão, não amigos da religião, aos quaes cegamente obedeça, tal sociedade pode causar gravissimos prejuizos ao publico e aos individuos, mas nunca ser util. Fique, pois, constante a consequencia, que é mister evitar não só as associações por decreto da Igreja, abertamente condemnadas, mas aquellas tambem que, segundo o parecer das pessoas de siso, e sobretudo dos Bispos, são consideradas como suspeitas e perigosas.

Mais ainda: os catholicos, o que é de grande vantagem para conservar a integridade da fé, devem preferir associarem-se com catholicos, a menos que a necessidadenão os obrigue a fazer diversamente. E uma vez que se achem associados, encarreguem, para os presidirem, sacerdotes ou leigos probos e notaveis pela sua auctoridade; e seguindo o conselho d'elles cuidem em prevenir e fazer tranquillamente o que julgarem convir aos seus interesses, em conformidade especialmente com os preceitos que assentamos na encyclica *Rerum novarum*: e nunca se esqueçam ser coisa justa e para desejar que os direitos do povo sejam defendidos e assegura-los, mas sem faltar aos deveres. Ora, os deveres principaes consistem em não lançar mão das coisas alheias, em deixar cada um livre em dispor do que é seu, em não impedir a ninguem que empregue a sua obra, onde e quando quizer. O que vistes no anno passado acontecer pela violencia da população no vosso paiz mostra bastante claro que a audacia e ferocidade dos rebeldes ameaça de perto tambem os estados americanos.

Portanto, as circumstancias dos tempos exigem que os catholicos cuidem na tranquillidade publica, e por isso observem as leis, tenham em horror a revolta, e não pretendam mais do que a equidade e a justiça permittem. Para este fim muito podem cooperar os escriptores, em particular os redactores de gazetas diarias. Não ignoramos que já muitos e bem exercitados lidam valorosamente n'esta palestra, cuja pericia merece antes louvor do que incitamento. Mas, a cobiza de lôr e de saber sendo tão ardente e tão geral entre vós, e podendo ser causa gravissima tanto de bens, como de males, devem-se empregar todos os esforços para que augmente o numero dos que exerçam, munidos de sciencia e de bom espirito, o officio de escriptores, tendo por guia a religião, e a probidade por companhia. E isto apparece ainda mais ne-

cessario na America, por causa da convivencia e intimidade dos catholicos com os acatholicos: pelo que é mister que os nossos sejam providos de uma coragem e de uma constancia singular. E' necessario instruil-os, admoestral-os, animal-os, incital-os ao amor das virtudes, e a cumprirem fielmente no meio de tantos perigos, os seus deveres para com a Igreja. Na verdade, cuidar n'estas coisas e trabalhar em pró d'ellas, é o dever proprio e gravissimo do Clero: todavia a condição e a oportunidade, em que se acham os escriptores de ephemerides, requerem que tambem elles trabalhem e combatam em favor da mesma causa, conforme poderem. Reflectam, pois, seriamente que a obra dos escriptores, se não fôr prejudicial, pouco certamente proveitosa será para a religião, quando falte a concordia dos espiritos tendentes ao mesmo fim. Os que desejam, com seus escriptos, servir utilmente á Igreja e defender de coração a religião catholica, é preciso que pelejem em perfeita harmonia e, por assim dizer, como um batalhão cerrado; pois os que dissipam as suas forças em dissensões parecem antes levar a guerra, do que repelli-la.—Por similhante motivo os escriptores, de fecunda e proveitosa que havia de ser, tornam a sua obra viciosa e prejudicial, todas as vezes que se atrevem ajuizar sobre os designios e os actos dos Bispos, e, esquecendo o respeito que lhes devem, os censuram e accusam: e não percebem que tamanha desordem e quantos males derivam d'esta sua maneira de proceder. Lembrem-se, pois, do seu dever, e não transgridam os justos limites da moderação. Deve-se obedecer aos Bispos que estão collocados n'um grau altissimo de auctoridade, e veneral-os com convém e consentaneamente á grandeza e santidade do seu ministerio. E esta veneração, que a ninguem é licito omittir, é necessario que sobresaia e appareça como proposta para servir de exemplo, nos escriptores catholicos de ephemerides. «Pois as ephemerides, destinadas a penetrarem por toda a parte, chegam a todos os dias ás mãos de quemquer se apresente, e teem grande poder sobre as opiniões e os costumes dos povos» (1). Nós mesmo, em diversas circumstancias dêmos muitas instrucções acerca do dever proprio do bom escriptor; e muitas tambem foram unanimemente repetidas pelo Concilio de Baltimore III, e pelos Arcebispos reunidos em Chicago no anno de 1893. Imprimam pois os catholicos na sua

(1) Ep. *Cognita Nobis* ad Archiepp. et Epp. Provinciarum Taurinon. Modiolanen. Vercellen. XXV Jan. an. 1882.

(1) Enc. *Arcanum*.

memoria os Nossos e os vossos ensinamentos, e tenham por certo ser indisponível que todos os seus escriptos se conformem com elles, se quizerem cumprir bem o seu dever, como devem querer.

Agora o nosso pensamento volta-se para todos os mais que dissentem de nós ácerca da fé christã, não poucos dos quaes quem poderá negar que dissentem antes por terem herdado o erro, do que por sua vontade? Solicito como somos da sua salvação, com que ardôr desejamos que voltem finalmente para o gremio da Igreja, mãe commun de todos, o declarou a Nossa Carta Apostolica *Praeclara*, ultimamente publicada. E não perdemos toda a esperança, porque olha para Nós propicio Aquelle, a quem tudo obedece, o que deu a vida para unir em um só corpo os filhos de Deus que estavam dispersos. Sem duvida não devemos abandonal-os, nem deixal-os entregues á sua razão individual, mas attrahil-os a nós com a maior brandura e caridade, exhortando-os a sondarem todas as partes da doutrina catholica, e despirem-se das suas preconceitas opinões. Na qual empresa, se o primeiro papel pertence aos Bispos e a todo o Clero, o segundo pertence aos leigos, dependendo d'elles ajudar a missão apostolica do Clero pela bondade dos costumes, e a integridade da vida. Grande é o poder do Evangelho, especialmente sobre os que procuram sinceramente a verdade, e são honestos por uma certa inclinação virtuosa, como muitos se contam entre os vossos concidadãos. Se o spectaculo das virtudes christãs teve tamanha força sobre os pagãos, conforme attestam as historias, julgaremos por ventura que nada possa para extirpar o erro do espirito d'aquelles que já são iniciados no culto christão?

Finalmente, não podemos passar em silencio os outros, cuja diuturna infelicidade precisa e implora o auxilio dos homens apostolicos: entedemos fallar dos Indios e dos Negros confinantes com a America, e que na maior parte não afustaram ainda de si as trevas da idolatria. Que vasto campo a cultivar! que multidão de homens, aos quaes é mister communicar os beneficios de que nos enriqueceu Jesus Christo!

No entretanto, como penhor dos bens celestiaes e como testemunho da Nossa benevolencia, concedemos de todo o coração no Senhor a vós, Veneraveis Irmãos, e ao vosso Clero e povo a benção Apostolica.

Dado em Roma, junto de S. Pedro, aos 6 de Janeiro, Epiphania do Senhor, no anno de 1895, decimo septimo do Nosso Pontificado,

LEÃO XIII PAPA.

SECÇÃO HISTORICA

Galeria de homens notaveis da Companhia de Jesus

CCXXXIII

P. Julio Vitelleschi

DESCENDENTE d'uma familia illustre de Roma onde nasceu no ultimo quartel do seculo XVII, este preclarissimo varão abraçou ainda muito joven o instituto de Santo Ignacio. Depois de seguir a carreira do magisterio com grande reputação, dedicou-se com especialidade á prégacao.

Foi no ministerio do pulpito que o P. Julio Vitelleschi mostrou o seu talento: as principaes cidades da Italia ouviram o seu verbo eloquente com grande fructo, porque os seus sermões produziram prodigiosas conversões. Por espaço de 40 annos resou a sua voz apostolica.

Os discursos d'este jesuita não eram floridos, em estylo guindado e sublime; pelo contrario, eram simples, sem galas, populares; mas partiam direitos ao coração, e assim convinham egualmente a todos, ao sabio e ao ignorante. Pareciam antes ser o fructo d'uma inspiração sobrenatural do que uma composição estudada.

E' certo que o P. Vitelleschi por esta forma de prégacao triumphava dos espiritos mais obstinados, fazendo muitas conversões, o que é o maior argumento em favor da sua eloquencia.

Em confirmação d'este aserto bastaria o testemunho do celebre Muritori, seu contemporaneo. Admirado do poder da eloquencia simples do jesuita Vitelleschi, o sabio escriptor tomou occasião de escrever o seu bellissimo tratado — *Excellencias da eloquencia popular*.

E' um livrinho que deve ser attentamente lido por todos os que se dedicam ao ministerio do pulpito. Era segundo este systema que prégava o P. Vitelleschi, e assim teem feito todos os grandes oradores sagrados.

Consta que os sermões de Vitelleschi só tinham um defeito: eram muito extensos: mas os ouvintes não o sentiam, antes desejavam que se prolongassem por mais tempo.

Este jesuita tambem deu em Roma lições sobre a Escriptura sagrada, que foram muito concorridas de ouvintes.

Foi um homem infatigavel a quem nem a idade nem as doenças tiraram o zelo e o talento: prégou constantemente até á sua morte que succedeu em 1759, tendo 75 annos.

CCXXXIV

P. Bernardo Fellon

Distinguiu-se este jesuita na poesia latina, genero de que deixou algumas peças e onde revela o seu talento, e tambem teve muita reputação no ministerio do pulpito.

Nasceu em Avinhão (França) em 1672, e morreu a 25 de março de 1759. Incançavel no seu ministerio e sempre entregue ao estudo foi este bom e sabio religioso, apesar da avançada idade a que chegou.

Deixou alguns poemas em latim, orações funebres e uma *Paraphrase dos Psalmos de David*. Tambem reduziu a compendio o *Tratado do amor de Deus*, de S. Francisco de Sales.

Alguns auctores attribuem esta ultima obra ao Abbade Tricalet: mas outros affirmam que é do jesuita Bernardo Fellon, ainda que depois foi novamente editada por Tricalet.

(Continúa)

PADRE JOÃO VIEIRA N. CASTRO DA CRUZ.

SECÇÃO LITTERARIA

Pessoa amiga e de auctoridade, a cuja mão vieram parar estas duas poesias, mimosa producção da illustre poetisa que as subscrive, consentiu que, apesar d'ellas não terem sido destinadas á publicidade, as publicassemos no *Progresso Catholico*. Agradecemos ao nosso presado amigo este obsequio, que nos permite dar aos leitores duas poesias que encantam não só pela forma, como pela essencia; e muito grato nos seria que a distincta poetisa agoriana honrasse, de quando em quando, o nosso modesto quinzenario.

MATERIALISTAS

(Fragmento)

Do que nos serve uma sciencia insana,
Dilettanti do horror? . . .
Vós tornastes mais triste a vida humana,
E mais amarga a Dór!

E' em vão já que á magna que tortura,
E aperta o coração,
Se busca allivio, remontando á Altura
Nas azas da oração . . .

Submettestes a Vida ás regras frias
De uma razão cruel,
Em engonhosas e lothas theorias
Mais lividas que o fel . . .

Já não ascende o espirito ancioso!
Chumbado á terra só,
Grilhota oppresso, abate o olhar moroso
Analysando o pó . . .

Em vão na selva emmaranhada e fusca
De um turbido porvir
A logica instinctiva busca . . . ai! busca
— A razão do existir!

Abnegação, Justiça, Amor, Bondade! . . .
- Termos convencionaes!
Pois que é um bando egoista a Humanidade
De ruins animaes . . .

De ferros animaes, que entre si luctam
Som remorso ou pesar,
E em porfia travada se disputam
A presa, sem cessar!

Ponta Delgada.
(Açóres)

PHILOMENA SERPA.

* * *

Virgem da Luz, ó Virgem
De invocação sublime,
Que em si resume o exprime
Tua missão e origem. (*)

Sê tu a estrella pura
Que nos aponte a estrada,
Que dá para a morada
Da paz e da ventura!

Baixa teus meigos olhos
Com maternal plôdade:
Reflexo claridado
Da vida nos escolhos.

Do desalento é presa
A mente anciosa e triste,
Se, a vacillar, persiste
No abyssmo da incerteza . . .

Virgem da Luz! Senhora!
D'estas regiões da trova
A alma a ti se eleva
Na prece em que te implora!

Attende, ó Mãe bendita,
Attende, pois, elemento,
A supplica fervente
Que parte d'alma afflicta!

Sê tu a estrella pura
Que nos indico a estrada,
Que dá para a morada
Da luz e da ventura!

Ponta Delgada.
(Açóres)

PHILOMENA SERPA.

DEUS E PATRIA

(A UM PORTA CHRISTÃO E PORTUGUEZ)

Dio e patria son uno, son tutto
Per noi, figli d'un Nume Veraoe;
Non v'è patria, se l'ara è mendace;
Vile è il popol, che muta la fo.

GIACOMETTI, *Judith*.

Que amena cithara, qua voz harmonica
Lodo escutei?
De côro angolico sonoro cantico
Ouvir pensei!

Absorto o espirito, do seio no intimo
Prazer senti:
Prazer incognito, suave jubilo,
Qual nunca vil

(*) Este pequeno defeito de rima, advertido pela auctora depois da poesia escripta, era um dos motivos, pelos quaes ella tentava subtrahil-a á publicidade. Bem haja quem lhe dissipou prejuizos, e nos forneceu a poesia.

Mancebo, intrepido, da lyra altisona
Solta a canção:
Canta, sollicito, bellezas fulgidas
Da religião.

Nas azas rapidas do doces zephyros
Alça-te ao ceu;
Teu genio egregio lá accende, impavido,
No fogo seu.

A' terra misera pós volta, colere,
Os vóos teus;
Mil hymnos mysticos, sublimes, fervidos,
Dirigo a deus.

Em carmes flôridos retrata o Empyreo,
Santa mansão;
A obra magnifica descanta, extatico,
Da croação.

No espaço ethereo de astros myriadas
A' noite vés:
Dize em altiloquos, em suaves numeros,
Quem foi que os fez.

Srenas innumeradas, bellas e horrificas,
Natura tem:
Desde o sol lucido á estrella minima
Que o ceu contém;

Desde que, rorida, d'aurora ao halito
Desperta a flôr,
Até que, tímido, diffunde vespero
Sou resplendor;

Desde que, madido, da noite lugubre
Se estende o veu,
Até que, rubido, c'o sol flammigero
Rofulge o ceu;

Ou quando horriçona, de raios gravida,
Rebôa no ar
Procella turbida, melonhos vortices
Abrindo o mar;

Ou quando a colera do vento rabido
Calmada é já,
Serenos, lepto, feliz, pacifico
O mundo está:

Eis do bellissimos mil quadros optimos
Rico painel;
Côres finissimas te offreço ao poetico,
Gentil pincel.

A larga serie do heroos clarissimos,
Quo a PORTUGAL
Ganharam, prodigos, famosos titulos,
Gloria immortal;

Seus feitos celebres, valor exímio,
Que o mundo viu,
Taes que mais inclitos nos priscos seculos
Nunca os ouviu;

Dão a teus numeros assumpto esplendido,
Que espantará;
E aquilão frigid seu sopro rispido
Suspenderá.

Canta-os, belligeros, com braço indomito
Sempre a lidar,
Té o mouro barbaro das plagas iboras
Roto lançar.

Canta-os do pelago fondendo a tumida
Immensidão;
Vencendo placidos o raio ignifero,
Bravo tufão.

Canta-os nos paramos da vasta America
Plantando a cruz;
Spargindo de Africa nos campos torridos
Dos cous a luz;

Calcando, rigidos, com pé terrifico
De Asta a cerviz:
Acções magnanimas, que inda hoje attonito
O mundo as diz!

Eis campo amplissimo, rico em prodigos,
Aos olhos teus:
Piodoso, fervido, sous hymnos sagrom-so
A' PATRIA e a DEUS!

E eu, que, tímido, pobre harpa rustica
Só sei pulsar,
Teus cantos melicos, formosos, candidos,
Possa imitar!

A. M. BELLO.

A Visão beatifica

(Tradução)

HAVIA na cidade de Constantinopla um ancião, cego de nascença, chamado Chromis, que vivia implorando a caridade publica. Havia tambem na mesma cidade outro ancião chamado Lichaz, que tinha perdido a vista havia doze annos, em consequencia de uma enfermidade. A desdita de ambos foi causa de que se unissem com laços de amizade intima. Habitavam na casa de uma mulher idosa, parenta de Chromis, a qual lhes servia de mãe, assistia-lhes nas enfermidades, consolava os nas afflicções, e acodia sollicita a soccorrel-os em todas as suas necessidades.

Todas as manhãs lhes servia de guia, conduzindo-os á porta do templo de Santa Sophia, onde imploravam o seu sustento da caridade dos fieis.

Certo dia em que se celebrava na egreja uma festa em honra da SS. Virgem, como fossem insufficientes as vastas naves para conterem a multidão de fieis que tinham acorrido para celebrarem as glorias de Maria, foi necessario deixarem abertas as portas da basilica, de sorte que os dous pobres cegos podiam ouvir perfeitamente do lugar em que estavam esmolando, o eloquente prégador que celebrava as misericordias da Rainha do Céu. Aquelle prégador acabava de chegar de Italia, e contava como testemunha ocular os prodigos e curas milagrosas que havia operado a Mãe de Deus no seu Sanctuario de Messina.

De tal maneira commoveu as almas dos dous cegos a narração d'aquelles prodigos, que quando chegou a noute se retiraram para casa, e nem uma palavra sequer pronunciaram ao deitarem-se, e nem depois puderam conciliar o somno em toda a noute.

Quando o barulho do povo, que começava a sua tarefa ordinaria do dia, annunciou aos dous amigos que já era entrada a manhã, Chromis disse ao seu companheiro:

—Não é verdade que me hasde acompanhar?



JESUS ENTRE OS DOUTORES DA LEI

—Aonde queres ir?

—Aonde os cegos recobram a vista.

—Sem duvida; é essa a vontade da Virgem, porque me inspirou tambem a mesma idéa.

N'isto entrou a sua hospeda no aposento, e como os dous cegos não tinham segredos para ella, lhe disseram o que haviam determinado.

—Crêde-me, lhe disse a pobre anciã, não queiraes coisas impossiveis; ide a Santa Sophia, e orae deante da imagem da Virgem: tanto pode Nossa Senhora aqui como em Messina. Para que ir tão longe?

—A Virgem assim o quer e faremos a viagem.

Com muita difficuldade conseguiram que a sua hospeda os conduzisse ao

porto. Não havia então barco algum para fazer tal viagem á Sicilia, e por outra parte, quando os marinheiros souberam os desejos dos cegos, escarneram d'elles, mas como estes não fizessem caso das zombarias, lhes perguntaram:

—E o dinheiro para a passagem?

Os pobres cegos nem haviam pensado sequer n'esta difficuldade, e tiveram de voltar para casa tristes, mas não desanimados. Quando chegaram, perguntou Chromis:

—De quanto necessitamos para a viagem?

—Ai, pobresinhos! respondeu a anciã, ainda que fôrassois cada dia metade das vossas esmolas, seriam preci-

sos cinco annos para reunir a quantia de que necessitaeis.

—Pois então dentro de cinco annos recobrarémos a vista, responderam os cegos.

Ainda que mal chegavam para alimental-os as esmolas que recebiam diariamente, sem embargo começaram desde então a privar-se de metade do alimento, e a economisar todos os dias metade das esmolas. Porém chegou o inverno e a miseria esgotou os dons da caridade, e esta já não bastava para remediar a miseria que reinava em Constantinopla. Para maior infelicidade cahiu enferma a hospedeira, e depois de se haver consumido em medicos e remedios até o ultimo real economisado pelos cegos, morreu.

Porém estes não se desanimaram com esta nova contrariedade.

O sacristão de Santa Sophia com padeceu-se da sua desventura, e recolheu-os na sua casa.

Quando chegou a primavera, começaram a recolher a esmola ordinaria, porém não sabiam os pobres onde guardar as suas economias porque não se atreviam a communicar a ninguém o seu projecto. Então resolveram abrir um buraco no logar que lhes servia de aposento e alli enterrarem as moedas de cobre que já tinham fornado. Passada uma semana, quando foram reunir novas economias ás anteriores, o dinheiro já não estava lá. Choraram de dôr toda a noite.

—Não temos outro recurso, disse Chromis, senão implorar a caridade dos patrões dos barcos: talvez haja algum que nos queira levar de esmola.

Tomada esta nova resolução, foram á igreja implorar o auxilio divino, e em seguida dirigiram-se ao porto cheios de confiança. Havia então um barco genovez prompto a levantar ancora com derrota á Italia.

Quando os cegos souberam esta boa nova, perguntaram pelo capitão, arrojaram-se-lhe aos pés, e pediram-lhe com lagrimas e soluços que os levasse á Italia.

—Promettemos, lhe diziam, não vos estorvar nem incomodar durante a travessia: se quizerdes iremos no porão, ou na sentina do barco ou onde nos porderdes.

—E para que quereis ir á Italia? Acaso não ha lá tantos pobres já? lhes perguntou o capitão.

—Quando tivermos vista, trabalharemos e ganharemos o nosso pão quotidiano.

—Ah! Quereis, replicou o capitão, que Deus faça um milagre em vosso favor? Infelizes! Tenho cincoenta annos, e todavia ainda não vi um milagre sequer. Deus dignou-se fazer os milagres em tempos muito remotos.

Mas enternecido pelas supplicas dos cegos, consentiu em leval-os no seu navio.

Durante a travessia sopraram ventos muito contrarios, e a viagem foi larga e penosa. A tripulação ficou edificada ao ver a paciencia e a alegria com que os dous peregrinos soffriam as fadigas da viagem.

Sempre que o navio era obrigado a parar no seu curso, os dous cegos perguntavam:

—Já chegamos a Messina?

Um dia que estavam ambos os amigos sobre o tombadilho, perguntou Chromis a Lichaz:

—Explica-me, Lichaz, que cousa é a luz, tu que já viste, para que ella

me cause menos admiração, quando os meus olhos se abrirem.

—Ai amigo! Não é possível explicar a formosura da luz. E' mais suave do que o som da musica, mais doce do que a harmonia do canto. A luz alegra a vista, encanta a alma, e vivifica todo o nosso ser. Ver é como tocar com a vista todas as cousas que nos rodeiam, é saber como são, é saber a disposição de todas ellas.

—O que eu desejo ver depois do sol é o teu rosto.

Depois de quarenta dias de navegação chegaram os vigias a dar vista ás costas da Italia. Os marinheiros receberam a noticia com gritos de alegria, e pouco depois entrava o navio com as velas enfunadas no porto de Messina.

Os cegos cobriram de lagrimas e de beijos as mãos do capitão, e logo que tomaram terra se informaram do caminho da igreja, á qual os conduziu um marinheiro.

Os fieis enchiam a nave do sanctuario, e nova multidão esperava á porta occasião de poder entrar. Os nossos peregrinos, depois de esperarem largo tempo, puderam penetrar, e apenas transpuzeram o portal, prostraram-se por terra, dando um grande grito... A luz lhes havia ferido o olhar, e a formosura do dia lhes havia causado inexplicavel impressão. Os fieis rodearam os felizes peregrinos, perguntando-lhes o que lhes havia succedido, porém elles não podiam fallar. Pouco a pouco foram vendo distinctamente os objectos. O altar, as pilastras, e as abobadas appareceram deante dos seus olhos; e unindo ambos as suas vozes, tributaram graças e louvores á celestial Senhora que de tal maneira havia premiudo a sua fê e perseverança...

.....
Maior será, muito maior, a nossa alegria, quando, introduzidos na Igreja do Céu, forem abertos os nossos olhos da alma á claridade celestial e pudermos gosar da visão beatifica.

Aqui na terra somos como cegos a quem a Fé guia. O dinheiro necessario para a travessia são as boas obras que havemos de enthesourar sempre. A's vezes o peccado nos rouba o nosso thesouro, porém o coração compassivo de Nosso Senhor, e o merito dos Santos nos offerecem novos meios para reunirmos novos thesouros. Se tivermos grande confiança e perseverança até o fim, lograremos chegar a essa cidade onde não faz falta o sol nem a lua para que a luz se derrame sobre todas as cousas, porque a gloria de Deus tudo illumina, e porque a lampada é o cordeiro de Deus. (Apoc., XXI. 22.)

Qual não será a alegria e o reconhecimento do nosso coração quando, livres do poder das trevas, fôrmos levados

ao reino de Deus, e entrarmos a gozar da verdadeira luz, da herança dos Santos?

SECÇÃO ILLUSTRADA

A degollação dos innocentes

(Vid. pag. 3)

E' por demais conhecido o facto a que allude a nossa gravura. Herodes, desesperado porque os reis magos não appareceram a participar-lhe se tinham encontrado o Menino, e calculando que a estrella mysteriosa, cujo curso os reis tinham seguido, podia ter apparecido com alguma posteridade ao nascimento do Principe-Menino, que em tão grande sobresalto o trazia, mandou degollar todos os meninos da Judeia, que á data do seu decreto contassem d'idade desde um dia até dois annos.

Sabido é tambem que a mortandade dos innocentes não deu o resultado desejado por Herodes, porque o anjo do Senhor appareceu em Nazareth a S. José em sonhos, dizendo-lhe:

—Levanta-te, filho de Deus, e juntamente com o Menino e com a Mãe, fuge para o Egypto e permanece n'aquella remota região até que eu volte a ordenar-te o regresso. Convém assim á vontade de Deus, porque Herodes busca o Menino para o matar.

* * *

Jesus entre os doutores da lei

(Vid. pag. 11)

Representa a nossa gravura Jesus no templo a discutir com os doutores. Os anciãos d'Israel e os doutores da lei tinham-se reunido no portico que lhes era destinado e discutiam gravemente sobre as questões mais complicadas e difficeis da theologia hebraica. Quem sustentava aquella discussão não era um rabbino, um doutor da lei, nem um ancião cheio d'experiencia: era um Menino prodigioso que, mostrando conhecimentos superiores á sua idade, uia prudencia que teriam invejado os varões mais illustres d'Israel e uma inspiração divina, rectificava os erros em que incorriam os mais sabios, dava aos problemas mais difficeis soluções que admiravam pela sua exactidão, e annunciava verdades perceptíveis a todas as intelligencias, mas que nenhuma teria podido imaginar. E aquelles doutores e anciãos, que não conheciam a natureza divina do Menino que tinham na sua presença, não comprehendiam o estranho phenomeno de que um ser humano, em tão tenra idade, reunisse tão profunda sabedoria; e baseando a

explicação em casos sobrenaturaes, exclamavam:

— Esta voz que ouvimos, é a d'algum anjo que Deus enviou ao mundo para diffundir a verdade da sciencia? Abandonou Israel o sepulcro, ou incarnou a sua alma n'este tenro Infante?

*

Estas duas gravuras são copiadas de — *A Estrella de Nazareth*, lendas e tradições da terra santa sobre a Santissima Virgem por D. Luiz Garcia Luna, traducção do nosso presado amigo e distincto escriptor catholico, ex.^{mo} sr. Antonio Moreira Bello.

SECÇÃO NECROLOGICA



Está de lucto, por ter fallecido em Hespanha uma sua irmã, o nosso presadissimo amigo e distincto collaborador do *Progresso Catholico*, rev.^{mo} dr. José Rodrigues Cosgaya.

Sabendo quanto o nosso dilecto amigo ama sua familia, avaliamos a dôr que o punge. Mas, como tambem sabemos que a sua alma é essencialmente christã, na conformidade com a vontade de Deus encontrará o nosso amigo balsamo para a ferida que no peito se lhe abriu.

Acompanhando o sr. dr. Cosgaya no desgosto por que acaba de passar, enviamos-lhe sinceros pesames e pedimos aos leitores que elevem ao Ceu uma fervorosa prece pelo eterno descanso da finada e virtuosa senhora.

* * *

Tambem falleceu no Porto a ex.^{ma} sr.^a D. Maria Emilia Ferreira Pimenta, senhora de muita piedade e caridosa, bemfeitora de todas as boas obras que ha no Porto, principalmente das conferencias de S. Vicente de Paulo. Era cunhada dos nossos presados amigos, os rev.^{mos} sr. dr. João Nepomuceno Pimenta, virtuoso vice-reitor do seminario de Braga, dr. Manuel de Jesus Pimenta, virtuoso vice-reitor do seminario de Guimarães, e do sr. José J. Pimenta, acreditado negociante da praça do Porto.

Aos nossos amigos, bem como a toda a familia dorida, enviamos a sincera expressão da nossa condolencia; e aos leitores pedimos as suas orações por alma da finada senhora.

RETROSPECTO

Sua Santidade Leão XIII enviou a seguinte carta ao Episcopado portuguez:

Aos Nossos Amados Filhos, José Sebastião Neto, Cardeal Presbytero da Santa Igreja Romana, Patriarcha de Lisboa, Americo Ferreira dos Santos Silva, Cardeal Presbytero da Santa Igreja Romana, Bispo do Porto e aos Nossos Veneraveis Irmãos Arcebispos e Bispos do Reino de Portugal.

LEÃO XIII PAPA

Tendo Nós inculcado, na Nossa Carta do anno de 1891, que os Bispos de Portugal se congregassem todos d'ahi em diante para tratar dos negocios dos seus bispados, e prover de commum accordo ás suas necessidades, muito Nos alegrou vermos que de bom grado assim procederam. E não foi pouco na verdade o contentamento que Nos veio do Vosso respeitoso acto e disvelo; porém, maior foi ainda pelas vantagens que das reuniões celebradas se derivaram. E taes foram: augmentar a concordia entre todos, estabelecerem-se muitas cousas tendentes a alentar a piedade, e finalmente as postulações dirigidas ao proprio Governo do Estado, a bem dos interesses da Religião e da Igreja. Sobre serem estes factos bem justamente dignos de louvor, com mais razão Nos apraz congratularmo-Nos com Vosco pelo ultimo congresso em que Vos juntastes em Lisboa, onde com muito acerto não só tratastes da administração das cousas ecclesiasticas e do ensino da Doutrina Christã nas eschololas, como principalmente resolvestes sustentar publicamente em sessão da camara dos pares o que toca á liberdade e aos direitos da Igreja.

Porquanto d'aqui veio o despertar-se n'aquella mesma sessão o zelo de alguns homens catholicos no intuito de proverem unicamente ao bem da sociedade religiosa e civil, extinctas todas as questões, e mantido todo o respeito ás auctoridades constituidas.

Este proposito muitas vezes inculcámos e com o maior encarecimento aconselhámos, para, mediante os esforços dos catholicos de todas as classes da sociedade inteiramente e o favor das auctoridades que governam nas cidades, e concordando amigavelmente entre si o poder Ecclesiastico e o Civil, a nação portugueza tornar ao seu antigo lustre. Porém, para que esta acção dos catholicos seja fructuosa, é preciso sem-

pre que todos obedecam aos Bispos e sigam religiosamente a sua direcção. E isto deve ser sagrado principalmente para os redactores de jornaes, para que nunca jámaisousem chamar ao seu proprio julgamento ou reprehender os intentos ou os actos dos Bispos, a fim de não acontecer que a força do seu poder seja desbaratada pela discordia, mas antes dando de mão a todo o empenho pelos interesses particulares trabalhem a favor da Igreja e da patria.

Entretanto movido pelo amor paternal para com o Povo Portuguez, pedimos a Deus com fervorosa prece a concessão d'esta graça sobre Vós, Amados Filhos e Veneraveis Irmãos, e sobre Vosso Clero e Fieis lançamos amorosamente a Benção Apostolica como penhor de paz e de todas as prosperidades.

Dada em Roma junto da Basilica de S. Pedro aos sete dias de fevereiro de 1895, anno decimo septimo do nosso Pontificado.

LEÃO XIII.

* * *

Temos já no Porto as benemeritas Irmãsinhas dos Pobres, que, como se sabe, teem por missão recolher e tratar velhos d'ambos os sexos, para a sustentação dos quaes esmolam de porta em porta o pão de cada dia.

E' uma instituição muito sympathica a todos, mesmo áquelles que, por miopia intellectual ou dureza de coração, fremem d'indignação ao vêr a touca e o burel d'essas santas mulheres que, por amor a Deus e á humanidade enferma, entram para as ordens religiosas.

Tão sympathicas são as Irmãsinhas dos Pobres que a jacobinagem, com vontade ou sem ella, as recebe bem. O proprio *Seculo*, quando andava mais accessa a ignobil campanha contra a heroica Irmã Collecta, victima innocente do jacobinismo e da maçonaria, fez ás Irmãsinhas dos Pobres os mais rasgados elogios e pediu ao publico que as recebesse com todo o respeito e deferencia.

O Porto não se mostrou menos fidalgo e christão que Lisboa. Apenas as Irmãsinhas se installaram n'esta cidade (rua do Corpo da Guarda, 4) todas as portas se lhe abriram e todas as bolsas soccorreram aquellaz benemeritas filhas de S. José.

Estão ahi ha pouco mais d'um mez e já sustentam 32 pobresinhos.

Acham porém pouco, aquellas benemeritas filhas da caridade, e lastimam-se de não terem casa mais ampla para receberem mais pobresinhos.

As suas lamentações não foram estereis. Uma alma grande, e maior

ainda porque só quer que Deus, e não os homens, conheçam o rasgo da sua generosidade, offereceu-lhes dinheiro para a compra d'um terreno, no qual possam construir casa apropriada, segundo o modelo das casas da sua Ordem.

E'ahi andam já as Irmãsinhas dos Pobres a procurar terreno para a construcção da casa.

E recursos para construir a casa? E' coisa com que as santas senhoras se não preocupam. S. José — dizem ellas — os mandará. E' munda, porque é bom protector e nunca as tem desamparado.

*

Visto que fallamos das Irmãsinhas dos Pobres, justiça é dizer-se a quem principalmente se deve a vinda d'ellas para o Porto, não porque essas pessoas queiram ou lhes sejam agradaveis elogios — pois bem as conhecemos — mas para que, quando por ventura se queira fazer a historia das Irmãsinhas no Porto, esses nomes não sejam olvidados. São os snrs. dr. José Rodrigues Cosgaya e general João Ferreira Sarmiento, que trabalharam mais d'um anno, com o zelo que todos reconhecem n'estes apóstolos do bem, afim de trazerem as Irmãsinhas para a cidade da Virgem. Justo é tambem não deixar no olvido o nomes das ex.ªªª snr.ªª Fornellos, essas almas escolhidas, que da melhor vontade e com a generosidade propria de christãos, offereceram a sua casa para a installação das Irmãsinhas.

Estes tres nomes devem ficar registados em paginas d'ouro na historia d'esta benemerita instituição.

Perdoem-nos suas ex.ªª a indiscreção, mas, se a modestia de suas ex.ªª se magoa, a nossa missão de chronistas impunha-nos este dever.

*

* *

Ha por esse mundo de Christo uns homens que se dizem *livres pensadores*, mas que não passam d'ignorantes e mal educados.

Frequentemente se mostram em publico *espiritos fortes*, não duvidando dar triste ideia da sua educação e instrucção.

Pelo que lemos nas — *Memorias d'um velho* — que o *Correio da Noite*, de Lisboa, publica, ha pouco deram-se em Lisboa dois casos em que alguns *livres pensadores*, julgando ir buscar lá, sahiram tosquidados.

Ouçamos o collaborador do *Correio da Noite*:

«Ha basofios da impudencia como ha valdosos da ignorancia.

Os franc-zes tem para estes o título apropriado de *sansfrons du vice*.

Dos impudentes e ignorantes são os que publicamente mofam do sacerdote que não pôde

equiparar-se-lhes em escandaloso colloquio e insultar a irmã da caridade, que pelo sexo e pela sua situação é inibida do retorquir-lhes.

A' má creação alliam a cobardia.

Ha dias testemunhamos um caso em que figurou um d'estes atrevidos que, sem saberem o que dizem, se intitulam *livres pensadores* e folgiam ostentadamente do se denunciarem como taes. Foi mansa mas enorgicamente castigado o impavido *pensador*. Eis o caso:

Tomava passagem em americano um venerando sacerdote duplamente respeitavel pela sua profissão e pela sua idade.

Ao passar em frente á porta de um templo em que pelo reposteiro vermelho se conhecia estar o *Lausperenne*, o sacerdote descobriu-se respectuosamente.

Na bancada immediata aos jogaes que já á entrada do padre haviam motejado, augurando desastre no trajecto, riram do acto reverente e um d'ellos dirigindo-se-lhe directamente perguntou-lhe:

— O snr. padre diz-me se tirou o chapou a alguma d'aquellas figuras de pedra e porque as trata com tanta cerimonia?

Ao que o sacerdote mansamente retorquiu:

— Como vejo que quem me faz essa pergunta não aprendeu o motivo do meu respeito nas lições da infancia, é curto o tempo para agora eu poder-lho ensinar, mas na minha egreja de *** , em doce explicação de catholicismo, estou prompto a admittil-o. No entanto devo observar-lhe que o primeiro dever de um homem é ser caritativo e a boa educação é um dos preceitos da caridade.

*

Tambem fomos testemunha do outra lição dada a um atrevido, que á entrada de duas religiosas das que praticam actos de caridade entre nós, não teve pejo em mofar das inoffensivas creaturas.

Um official do exercito, com o uniforme de artilheria, indignado, observou aos *valentes aggressores de mulheres*:

— Estas senhoras não tem aqui parentes naturaes, mas declaro-me como se fosse seu irmão e cuidado a quem lhes faltar ao respeito.

Um dos companheiros do insultador quiz desculpar-o para com o official e em tom brando deu o motivo da ser *livre pensador e detestador as ordens religiosas*.

Ao que o digno official, com geral applauso de todos os passageiros, ainda retorquiu:

— Pois por pensar livramento não dá sequer motivo para mostrar que impede os demais de pensarem tambem segundo entendam.

E assim poz ponto á philautia do atrevido.

Mas, verão: estas e outras que taes lições não serão bastantes para pôr um freio á má educação dos *pensadores livres*, tanto ou mais intransigentes que os sectarios de Mafoma e tanto ou mais faltos de civilização do que os pretos dos arcaes d'Africa.

*

* *

O snr. ministro da marinha, pretextando necessidade de fazer economias, reduziu a dois capellães o quadro dos capellães navaes!

Se o decreto não fosse publicado na folha official não acreditaríamos, tão ridicula e insensata é esta medida.

E' ridicula, porque apenas traz a economia de 1:279,500 réis, que para uma nação é uma insignificancia; é insensata porque fere o sentimento ca-

tholico do paiz e priva os nossos valentes marinheiros dos soccorros espi-rituaes.

Julgamos não fazer juizos temerarios se dissermos que, além da economia (se é que esta entrou no decreto para alguma coisa) o sr. ministro da marinha teve outros fins. S. ex.ª (deram-no a entender *As Novidades*, que lhe eram então affeioadas) antes de ser ministro, assistiu a umas reuniões no Gr. Or. Lus., nas quaes se tramou contra a existencia do governo, se não das instituições, porque a maçonaria, como se sabe, aspira a implantar a republica universal.

Orn, se s. ex.ª assistiu a reuniões no Gr. Or. Lus., o illustre ministro é franc-maçõ, porque é sabido que no templo dos estalinhos só entram filhos da Viuva. E, sendo maçõ, a quem repugnará crêr que s. ex.ª quiz agradar aos seus II.ª da chafarica quando tirou aos nossos marinheiros os seus capellães?

Temos, pois, a franc-maçõ com representante no seio do governo, o que, se é caso para dar os parabens aos Irmãos Tres Pontinhos, não o é, por certo, para os dar ao paiz.

Para estes assumptos é que nós quizeramos ver convergir a attenção dos catholicos.

A resolução do snr. ministro da marinha, além de ser uma affronta á nossa augusta religião, é um insulto lançado aos catholicos. O dever d'estes é, pois, protestar, e protestar energeticamente, contra esta insensata medida. Crusar os braços é deixar que o ministro prosiga sem peias d'especie alguma os seus negregados fins.

Protestemos pois, ainda que sem esperanças de remedear o mal; porque, se com o nosso vehemente protesto nada conseguirmos, ao menos fica-nos a consolação de havermos cumprido o nosso dever.

*

Portugal — honra-lhe seja! — está-se preparando para festejar condignamente o setimo centenario de Santo Antonio, nosso compatriota, que occorre em 15 d'agosto do corrente anno.

Em Lisboa haverá pomposos festejos, e praza a Deus que não sejam apenas festejos profanos, como por occasião do centenario henriquino se projectaram no Porto, o que não foi realisado graças á intervenção de Sua Magestade a Rainha snr.ª D. Maria Amelia, que pediu que, para tirar o cunho exclusivamente profano ao centenario henriquino, se realisasse um imponente *Te-Deum*.

Em Coimbra tambem se projectam festejos.

E no Porto, se não ha quem, por

emquanto, promova festas d'espervento, houve já um grupo de cavalheiros e de senhoras que, querendo commemorar perduravelmente o centenario do nosso Santo Thaumaturgo, promovem uma subscrição, para a qual cada pessoa é convidada a concorrer com a esmola minima de 50 réis e a maxima que tiver na vontade, afim de se crearem *Escolas de Santo Antonio*.

Quem conhece as necessidades religiosas do Porto sabe que a abertura de novas escolas catholicas é a melhor obra que se pode fazer e de mais resultados, não só immediatos, mas sobretudo futuros.

O maldito protestantismo tem-se alastrado prodigiosamente na cidade da Virgem, graças á tolerancia das auctoridades.

Ricos, porque as Sociedades Biblicas d'Inglaterra despejam ás mãos cheias libras e livros para cá, não são poucas as escolas que no Porto os setarios da Reforma tem aberto, para as quaes chamam os filhos dos pobres ministrando-lhes instrucção gratuita para lhes poderem envenenar a alma.

Para combater este grande mal ha, na cidade da Virgem, as Escolas Catholicas e as escolas da Associação Jesus, Maria, José, quasi todas com mestras pertencentes ás virtuosas filhas de S. Francisco d'Assis; mas, comquanto sejam umas dez, espalhadas por toda a cidade, não pôdem recolher, por falta de capacidade, todas as criancinhas que lhes batem á porta a pedir educação e instrucção.

Bem-vindas sejam, pois, as Escolas de Santo Antonio, que tão grande bem estão destinadas a fazer! Melhor obra não podiam os catholicos portuenses crear, a nosso vêr, na presente occasião!

Avante, pois; e que o auxilio dos catholicos se não faça esperar, afim de que as escolas comecem o mais cedo possivel a funcionar!

*
*
*

Depois dos Jesuitas, são as Irmãs da Caridade a quem a gente sem temor nem amor de Deus mais persegue.

E, contudo, as Irmãs da Caridade são, como os Jesuitas, benemeritas da sociedade e verdadeiras heroínas christãs, que se sacrificam diariamente em beneficio da humanidade.

Um facto, entre muitos, para mostrar o que são as Irmãs da Caridade.

Do precioso livro que, com o titulo de *La Europa Salvaje*, acaba de publicar-se, devido á penna do incansavel apostolo e insigne escriptor, Padre Julio Alarcón, transcrevemos o seguinte facto:

«A lei da vida costuma ser a lei dos contrastes. Acabo de saber que Soror Angela, a quem cabe perfeitamente o nome, tão conhecida n'estas Missões catholicas (o facto, que é recente, succedeu na America Septentrional) e tão amada dos pobres enfermos e dos meninos abandonados, passou a melhor vida; e sabeis como? No meio dos accessos da hydrophobia!

Morte sempre horrivel; mas n'este caso invejavel, como se vae vêr.

Ha uns quarenta dias que a nossa angelica religiosa ia dar um passeio campestre com uma numerosa divisão d'essas pobres meninas que os selvagens abandonam.

A alegria reflectia se nas sorridentes physionomias d'aquellas creaturinhas, que não tinham outra mãe na terra que Soror Angela; seguiam-n'a, precediam-n'a, rodeavam-n'a, cantando, brincando, fallando todas ao mesmo tempo, disputando as suas caricias e não se cansando de chamarem-lhe: mãe! mãe! em todos os tons.

Soror Angela ouvia aquella multiplicada confirmação dos seus affectos maternaes para com aquella numerosa prole que Deus lhe havia dado com tanta mais complacencia, quanto esse formoso titulo se podia conciliar com as prerogativas da sua amada pureza.

No fim da estrada em que caminhavam, havia um pequeno bosque; Soror Angela propoz um premio para as que, a correr, chegassem mais depressa ao bosque. Mas... a meio do caminho, avança do mesmo bosque á desfilada contra o infantil bando um enorme cão d'olhos amortecidos e a bocca coberta d'amarellenta baba. Uns camponezes armados d'espingardas corriam atraz d'elle, gritando desesperadamente: é damnado! é damnado!

O cão dirigia-se ás meninas, e Soror Angelica, com a rapidez do relampago, interpoz-se entre o cão e os meninos, gritando-lhes:

—Fujam todos! Corram para casa!

E enquanto isto dizia, e as meninas, espavoridas, retrocedem e se dispersam, Soror Angela estendeu o braço para o raivoso animal, que lh'o agarrou e lhe deu mais de 20 profundas mordeduras.

E Soror Angela não tirou o braço d'aquella immunda bocca enquanto não viu que todas as meninas tinham desaparecido.

Quarenta dias depois, Soror Angela morreu atacada de raiva.

Que morte tão gloriosa!

*
*
*

Passaram as folias carnavalescas. Passaram, mas não sem fazer das suas,

como de costume. Quantos peccados commettidos n'estes dias de loucural

Apesar da divina Providencia nos minoscar com chuva nos tres ultimos dias de carnaval, nem porisso as principaes ruas do Porto deixaram de se atulhar de gente e de foliões carnavalescos. Ha gostos para tudo!

Os bailes de mascaras, segundo disseram os jornaes, estiveram muito corridos.

E dizem que estamos luctando com grande crise economica e que não ha dinheiro!

Para estas loucuras sempre apparece; e, quando o não haja na bolsa, ha-o na casa de penhores, que nos tres dias de carnaval fizeram grosso negocio.

Se, porém, muito se offendeu a Nosso Senhor, tambem as almas boas o desaggravaram como puderam.

Nas egrejas da Sé, Seminario, Clerigos e S. Nicolau, fez-se a solemnidade das Quarenta Horas com grande concorrência de fieis.

As communhões nas egrejas nos tres dias de carnaval foram muito numerosas.

Na igreja da Trindade (excellente centro de piedade ha certo tempo para cá, devido ao zelo de dois dignissimos sacerdotes seculares, cujos nomes occultamos para lhes não ferir a modestia) as communhões n'esses dias foram extraordinarias e consoladoras, e tão consoladoras que Moasenhôr Silveira Borges, que celebrou missa na segunda-feira, 25, ás 7 e meia da manhã, como costuma, ficou tão impressionado com o grande numero de fieis que se aproximaram da Mesa Eucharistica, que, ao terminar a missa, fez uma pratica commovedora ao povo, mostrando quanta gloria os fieis davam a Deus, desaggravando-o dos ultrages que n'aquelles dias lhe faziam os que se entregavam ás loucuras do carnaval e quanto a sua alma de sacerdote se sentia rejubililar por vêr um espectáculo tão sensibilibilizador e de tanta piedade.

Louvres a Deus, a vida de piedade no Porto vae crescendo dia a dia.

Em egrejas, em que nunca se dava a communhão aos fieis, ministra-se agora diariamente o Pão dos Anjos a dezenas d'elles.

E' consolador!

Mil bençãos áquelles sacerdotes que se entregam cuidadosamente ao ministerio do confessorario, entre os quaes occupam o primeiro logar os benemeritos Padres da Companhia de Jesus, aos quaes se deve o renascimento da vida catholica no Porto!

*
*
*

O *Journal des Débats*, que dá a

sua ferroadá sempre que póde no Catholicismo e no Papado, occupando-se do notavel trabalho de Monsenhor T'Serclaes ácerca do *Papa Leão XIII*, deixa escapar a bocca para a verdade e diz o seguinte :

«Monsenhor T'Serclaes conseguiu dar-nos uma ideia do formidavel poder da Egreja. Mostra-nos o Pontificado custodio vigilante das almas, tratando com todas as potencias, catholicas e hereticas, intervindo nas discussões dos parlamentos, e pronunciando discursos sobre assumptos tão diversos como o septenato de Bismark e da instrucção publica nos Estados Unidos.»

E conclue com estas observações:

«Quando se pensa que a missão importante de dirigir esta acção tão complexa, gravita n'um ancião encerrado com alguns Prelados n'um palacio de Roma, experimenta-se não só veneração pelo homem que supporta sem quebranto o pezo esmagador d'esta *soliditudo omnium ecclesiarum*, e admiração pelo politico que affronta animosamente todas as inquietações da hora presente e introduz a Egreja por vias novas, mas tambem uma especie d'angustia, como succede sempre que se entrevê uma força que só com a razão não póde explicar-se.»

Apraz-nos transcrever esta opinião insuspeita, não só para ficar archivada, porque o merece, mas para a mandarmos com vista a certos escriptores da nossa terra, que, pygmeus como são, se atrevem a encarar de frente Leão XIII, o gigante, e a apreciar a sua obra, já agora monumental e providencial, como sendo de somenos importancia.

*
* *

Alguns sabios, formados nas univer-

sidades de botequim, perguntam ás vezes com uma emphase que, além de ridicula, é lamentavel, porque mostra o derrancamento do seu coração e o obumbramento do seu espirito:—Para que serve a confissão?

Para o que ella serve, dil-o claramente qualquer resumo da doutrina christã, e sabe-o qualquer criancinha de 6 annos, que frequente escolas catholicas.

Além do mais, a confissão serve para isto, que lêmos n'um jornal:

«Um ecclesiastico, professor do Collegio da Formiga (n'este collegio estão actualmente os benemeritos Padres do Espirito Santo) entregou 20\$000 réis ao director da Companhia dos Caminhos de Ferro do Minho, restituição conscienciosa d'um penitente que prejudicára a dita empreza n'aquella quantia.»

Se, pois, toda a gente se confessasse com as devidas disposições, não haveria ladrões. E' o caso de se dizer:—Abrir um confessionario, é fechar uma cadeia.

Infelizmente não o intendem geralmente assim, porque não bastantes os que ignoram (ou fingem ignorar?) que a confissão é a melhor escola de moralidade que existe e ha de existir.

SECÇÃO ADMINISTRATIVA

Por nos ter chegado ás mãos, precisamente quando já estavam a imprimir as primeiras paginas do *Progresso Catholico*, o manuscrito do livro—*A questão dos Jesui-*

tas—do nosso presado amigo e distincto collaborador, snr. Silva Esteves, não damos n'este numero as 16 paginas costumadas do seu apreciavel livro, defeza brilhante da benemerita e nunca assás encoimiada Companhia de Jesus.

* Pedimos desculpa aos leitores, e principalmente ao nosso presado amigo, snr. Silva Esteves.

No proximo numero continuaremos a publicação.

*

Aos illustrados collaboradores do *Progresso Catholico* pedimos a caridade de continuarem a auxiliar-nos com os seus escriptos, que tão apreciados têm sido pelos nossos presados assignantes; e d'estes solicitamos a continuação da sua assignatura, afim de que não acabe uma publicação tão util como o *Progresso Catholico* e que tão relevantes serviços tem prestado á causa da Egreja e da patria.

O PROGRESSO CATHOLICO

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE CADA MEZ

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Continente portuguez e Hespanha, 800 réis—Ilhas, o mesmo preço, sendo feito o pagamento em moeda equivalente á do continente—Provincias ultramarinas e paizes da União Geral dos Correios, 1\$000 réis—Estados da India, China, e America, 1\$280 réis, moeda portugueza—Numero avulso 100 réis.

As assignaturas são pagas adeantadamente, por um ou melo anno.

O que se refira á redacção deve ser enviado a

Manuel Fructuoso da Fonseca, rua do Almada, 368—PORTO.

O que se refira á administração (pagamento d'assignaturas, pedido de livros, mudança de direcção, etc.) a Vicente Fructuoso da Fonseca, na Livraria Catholica Portuense, rua do Almada, 368—PORTO.